

Aspectos culturais e simbólicos do uso dos enteógenos

Rafael G dos Santos
UniCEUB

O uso *intencional* de substâncias psicoativas com o objetivo de se criar estados alterados de consciência é uma prática que existe há milhares de anos. Vários grupos de animais (desde os mais primitivos) usam substâncias psicoativas *com a intenção* de ficarem “intoxicados”. Ex: *Manduca quinquemaculata* (mariposas) que se “alimentam” das flores de *Datura meteloides* (planta rica em potentes alcalóides com propriedades psicoativas como a atropina) (Samorini, 2002), javalis e primatas que cavam a terra em busca das raízes do poderoso arbusto *eboka* (*Tabernanthe iboga*), planta utilizada nas cerimônias das religiões Bwiti, presentes no Congo e no Gabão (África) (Samorini, 2002; Labate, 2003), etc.

Diferentes povos nos mais variados ecossistemas do planeta praticaram e praticam técnicas as mais diversas para atingirem estas alterações de consciência: jejuns, privações sensoriais, tambores, danças e, não menos importante, drogas. Samorini (2002), baseado em entrevistas e trabalho de campo em diversas partes do mundo, afirma que a “descoberta” dos efeitos de algumas plantas (*Cannabis sp.*, *Tabernanthe iboga*, café, etc) foi realizada através da observação do comportamento de alguns animais sob efeito destes vegetais.

O uso de enteógenos por seres humanos existe há, pelo menos, 50 mil anos (Labate, 2003). Em praticamente todos os cantos da Terra existe ou existiu alguma

cultura que usa ou usou estes seres vivos com características especiais para as mais diversas finalidades. Dentre alguns destes podemos citar:

(a) *Soma* (*Amanita muscaria*), cogumelo paleo-siberiano utilizado por caçadores coletores das tribos *Tungue* e *Koriak* na Eurásia (Schultes & Hofmann 1992; Furst, 1994; Spinella, 2001);

(b) *Peiote* (*Lophophora sp.*), cacto cultuado pelos Astecas e atualmente pelos índios huicholes do México (Schultes & Hofmann, 1992; Furst, 1994), possui mais de 55 alcalóides diferentes (Spinella, 2001);

(c) *Teonanacatl* (*Psilocybe sp.*), cogumelos utilizados ritualmente pelos Maias, Mazatecas e outros grupos indígenas na região de Oaxaca, México (Schultes & Hofmann 1992; Furst, 1994; Arthur, 2000);

(d) *Ololiuqui* (*Rivea corymbosa*, *Ipomoea violacea*), a trepadeira mágica dos Astecas e Mazatecas, ainda hoje seus descendentes a utilizam com finalidades divinatórias, terapêuticas e mágicas (Schultes & Hofmann 1992; Furst, 1994);

(e) *Bangue* (*Cannabis sativa*, *C. indica*, *C. ruderalis*), planta que se encontra cultivada em praticamente todo o planeta, seu uso como medicamento, sacramento ou para fins recreativos permeia a história de povos na Índia (os *sadhus*, ou homens santos), na África (principalmente Etiópia e Serra Leoa), Ásia (usada para fins meditativos no Budismo Tântrico, por exemplo), Américas (tribos indígenas como os Cuna no Panamá, os Cora, Tepehua, e os Tepecanos no México a chamam de *Santa Rosa*, *Rosa Maria*, etc, e algumas tribos brasileiras também a utilizam, por exemplo, para *fazer roçado*, como os Tenetehara do Maranhão) (Henman, 1986; Schultes & Hofmann 1992; MacRae, 1992, 1998; Furst, 1994; Robinson, 1999;); embora o

principal psicoativo presente na *Cannabis sp.* seja o já amplamente conhecido Δ^9 - tetrahydrocannabinol, em um recente simpósio (I Simpósio *Cannabis sativa L* e Substâncias Canabinóides em Medicina, São Paulo, 15 e 16 de abril de 2004 - CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Dep. De Psicobiologia da UNIFESP/EPM e SENAD Secretaria Nacional Antidrogas) foram relatadas mais de 66 substâncias diferentes presentes na maconha;

(f) *Paricá, epená, cohoba, yopo, vilca, cébil* (*Anadenanthera peregrina, A. colubrina, Virola sp.*), utilizada por grupos indígenas, por exemplo, na fronteira entre Brasil e Venezuela - os Yanomami - como um pó para inalação (rapé) (Schultes & Hofmann 1992; Furst, 1994; Ott, 1994);

(g) *Jurema* (*Mimosa hostilis*), uma leguminosa que foi utilizada para caçar e guerrear entre os índios do nordeste brasileiros e atualmente é usada, entre outras finalidades, para fins mágicos entre raizeiros e indígenas (Schultes & Hofmann, 1992; Mota & Albuquerque, 2002);

(h) *Ayahuasca* (*Banisteriopsis sp.* e combinações), seu uso foi relatado entre, pelo menos, 72 grupos indígenas diferentes que habitam, na maioria dos casos, a Amazônia Ocidental (Luna, 1986);

(i) Etc.

Neste pequeno trabalho pretendo realizar uma abordagem cultural e simbólica da importância que estes *seres divinos* possuem nos diversos contextos em que são utilizados. De uma maneira geral podemos afirmar que estas substâncias estão

envolvidas em aspectos mágico-religiosos, embora existam exceções. Não pretendo realizar um estudo minucioso de cada um destes vegetais, mas tentar abordar de uma maneira genérica o importante papel que estes possuem na cosmologia, ordem social, ritos de passagem, rituais de cura e no processo do morrer nas culturas em que são consumidos.

Historicamente, estas plantas, consideradas *plantas-espíritos* ou *plantas-professoras*, vêm sendo usadas para diversos fins (finalidades e, respectivamente, citações bibliográficas, não exaustivas):

- (a) Reforço da identidade ética (Mota & Barros, 2002; Labate, 2003, 2004b);
- (b) Coesão social (Dobkin de Rios, 1972, 1976; Labate, 2003; Keifenheim, 2004);
- (c) Transmissão de valores culturais (Labate, 2003; Di Stasi 2003; Rodrigues & Carlini, 2003; Keifenheim, 2004);
- (d) Produção artística (Lagrou, 1996; Labate 2003, 2004b);
- (e) Morte simbólica do ego (Couto, 1986; Peláez, 1994; Lumby, 1998; Groisman, 1999; Leary, 2002; Luz, 2004; Keifenheim, 2004; Mabit, 2004; Zuluaga, 2004);
- (f) Autoconhecimento (Leary, 2002; Labate, 2003, 2004b);
- (g) Resolução de conflitos sociais (Schvartsman, 1992; Labate, 2003);
- (h) Guerra (Reesink, 2002; Labate, 2003; Andrade, 2004);

- (i) Feitiçaria (Dobkin de Rios, 1972, 1976; Harner, 1976a, 1976b, 1976c; Kensinger, 1976; Taylor, 1994; Mota, 1996; Albuquerque, 2002; Camargo, 2002; Grunewald, 2002; Mota & Barros, 2002; Pinto, 2002; Reesik, 2002; Andrade, 2004; Luz, 2004; Keifenheim, 2004; Mabit, 2004; Zuluaga, 2004);
- (j) Caça (Labate, 2003);
- (k) Obtenção de poder político e cósmico (Schvartsman, 1992; Labate, 2003);
- (l) Metamorfosear-se em animais (Labate, 2003; Luna, 2004);
- (m) Divinação (Dobkin de Rios, 1972, 1976; Kensinger, 1976; Siskind, 1976; Weiss, 1976; Taylor, 1994; Achterberg, 1996; Labate, 2003; Luz, 2004; Keifenheim, 2004; Mabit, 2004; Zuluaga, 2004);
- (n) Comunicação com as divindades e aconselhamento pelos espíritos (Dobkin de Rios, 1972, 1976; Harner, 1976a, 1976b; Munn, 1976; MacRae, 1992, 2000; Albuquerque, 2002; Camargo, 2002; Araújo, 2004; Luz, 2004; Keifenheim, 2004; Mabit, 2004; Zuluaga, 2004);
- (o) Atingir estados de transe (Dobkin de Rios, 1972; Couto, 1989; MacRae, 1992, 2000; Schultes & Hofmann, 1992; Albuquerque, 2002; Camargo, 2002; Eliade, 2002; Labate, 2004b);
- (p) Treinamento do xamã (Dobkin de Rios, 1972; Kensinger, 1976; Munn, 1976; Weiss, 1976; Mota, 1996; Langdon, 2004; Luz, 2004; Keifenheim, 2004; Mabit, 2004; Zuluaga, 2004);
- (q) Indução de sonhos para prever o futuro (Dobkin de Rios, 1972);

- (r) Profecias (Dobkin de Rios, 1972; Schultes & Hofmann, 1992);
- (s) Telepatia; clarividência (Dobkin de Rios, 1972; Munn, 1976; Naranjo, 1976; Schultes, 1992; Langdon, 2004; Luz, 2004; Keifenheim, 2004; Mabit, 2004; Zuluaga, 2004);
- (t) Descobrir o paradeiro de pessoas desaparecidas (Dobkin de Rios, 1972);
- (u) Induzir intoxicação para prever o futuro através de comunicação com o diabo (Dobkin de Rios, 1972);
- (v) Causar doença em outra pessoa (Dobkin de Rios, 1972, 1976; Harner, 1976a, 1976b; Luna, 1986, 2004; Schultes, 1992; Taylor, 1994; Achterberg, 1996; Luz, 2004; Keifenheim, 2004; Mabit, 2004; Zuluaga, 2004);
- (w) Obter visões diagnósticas para a prescrição de remédios (Dobkin de Rios, 1972, 1976);
- (x) Identificar o inimigo causador do mal ou o agente causador do mal (Dobkin de Rios, 1972; 1976);
- (y) Analgésico, anti-espasmódico, anti-diurético, anti-reumático, contra picadas de cobra, anti-febre-amarela (Dobkin de Rios, 1972);
- (z) Atingir estados de intoxicação, êxtase e periódicos estados prazerosos (Dobkin de Rios, 1972).

Observando a vasta, mas não exaustiva lista de possibilidades de usos destes agentes, verificamos que o uso de *drogas* em nossa sociedade (de uma maneira

patológica) é a exceção, e não a regra. Pesquisadores respeitados como Abert Hofmann (descobridor do LSD-25) e Giorgio Samorini referem-se a esta atual situação do uso de *drogas* em nossa cultura como uma *desacralização/profanação* (Hofmann) ou *desculturação* (Samorini, 2002). O que estes autores (e tantos outros) afirmam é que o uso destes *professores vegetais* sempre esteve cercado de ética, moral e regras de conduta ratificadas pelos valores culturais. O antropólogo Edward MacRae (1992) disserta sobre como sanções socioculturais empregadas por grupos que fazem um uso ritualizado de psicoativos são mais eficazes que as leis proibicionistas de grande parte das nações quando comparamos os efeitos sociais do controle e forma de uso destes diferentes pontos de vista. Alberto Groisman (2000), em sua tese de doutorado sobre as igrejas do Santo Daime na Holanda, afirma que, na maioria das vezes, os aspectos socioculturais são mais importantes (e, inclusive, *moldam/controlam*) nas experiências com psicoativos do que os aspectos psicofarmacológicos.

Com estes argumentos – que não são exaustivos – podemos observar e, pelo menos, reavaliar nossa postura perante o atual modelo de relação que temos com os psicoativos em geral e, especialmente, com os enteógenos. Esta atual “guerra contra as drogas” mostra-se, cada vez mais, uma guerra etnocida, como já havia dito o antropólogo Anthony Henman em 1986.

Referências bibliográficas:

ACHERBERG, Jeanne. *Xamanismo e medicina moderna*. 1ª ed. São Paulo: Editora Summus, 1996. 236p.

ALBUQUERQUE, Ulysses P. de. A Jurema nas Práticas dos Descendentes Culturais do Africano no Brasil. In: MOTA, Clarice N. & ALBUQUERQUE, Ulisses P.

As muitas faces da jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena. 1ª ed. Recife, Pernambuco: Ed. Bagaço, 2002. p. 171-192.

ANDRADE, José Maria T. de. *Jurema: da festa à guerra, de ontem e de hoje*. Disponível em <<http://www.ufrn.br/sites/evi/metapesquisa/velhos/jurema.html>>. Acesso em abril de 2004.

ARAÚJO, Wladimir S. A Barquinha: Espaço Simbólico de uma Cosmologia em Construção. In: LABATE, B. C. & ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 541-555.

ARTHUR, J. *Mushrooms and Mankind*. 1ª ed. Escondido, California: The Book Tree, 2000. 98p.

CAMARGO, Maria T.L. de A. Jurema (*Mimosa hostilis Benth*) e sua Relação com os Transes nos Sistemas de Crenças Afro-Brasileiras. In: MOTA, Clarice N. & ALBUQUERQUE, Ulisses P. *As muitas faces da jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena*. 1ª ed. Recife, Pernambuco: Ed. Bagaço, 2002. p. 151-170.

COUTO, F.L.R. *Sinais dos Tempos: Santos e Xamãs*. Tese de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 1989.

DI STASI, Luiz C. Tropical Atlantic Forest (Mata Atlântica): Potential Source of the New Products with CNS Activity. *Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica*, 1 (3): 143-146. 2003.

DOBKIN DE RIOS, Marlene. *Visionary Vine: Hallucinogenic Healing in the Peruvian Amazon*. 1ª ed. Illinois: Waveland Press, Inc., 1972. 156p.

DOBKIN DE RIOS, Marlene. Curas con ayahuasca em um bairro bajo urbano. In: HARNER, Michael. *Alucinógenos y chamanismo*. 1ª ed. Madrid, Espanha: Punto Omega, 1976. p. 76-94.

ELIADE, Mircea. *O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 559p.

FURST, Peter T. *Alucinogenos y cultura*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994. 341p.

GROISMAN, Alberto. *Eu venho da floresta: Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*. 1ª ed. Florianópolis, Santa Catarina: Ed. da UFSC, 1999. 140p.

GROISMAN, Alberto. *Santo Daimé in the Netherlands: An Anthropological Study of a New World Religion in a European Setting*. Tese de Doutorado, Univ. of London, Londres - Inglaterra, 2000.

GRUNEWALD, Rodrigo de A. A Jurema No “Regime De Índio”: O Caso Atikum. In: MOTA, Clarice N. & ALBUQUERQUE, Ulisses P. *As muitas faces da jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena*. 1ª ed. Recife, Pernambuco: Ed. Bagaço, 2002. p. 97-124.

HARNER, Michael. *Alucinógenos y chamanismo*. 1ª ed. Madrid, Espanha: Punto Omega, 1976a. 223p.

HARNER, Michael. El ruido del agua que corre. In: HARNER, Michael. *Alucinógenos y chamanismo*. 1ª ed. Madrid, Espanha: Punto Omega, 1976b. p. 26-37.

HARNER, Michael. El rol de las plantas alucinógenas em la brujería europea. In: HARNER, Michael. *Alucinógenos y chamanismo*. 1ª ed. Madrid, Espanha: Punto Omega, 1976c. p. 138-160.

HENMAN, A. A guerra às drogas é uma guerra etnocida. In: HENMAN, A. & PESSOA JR.O. *Diamba Sarabamba*. 1ª ed. São Paulo: Ground, 1986. p. 91-115.

HENMAN, A. & PESSOA JR. O. *Diamba Sarabamba*. 1ª ed. São Paulo: Ground, 1986. 163p.

KEIFENHEIM, Barbara. *Nixi pae* como participação sensível no Princípio de Transdormação da Criação Primordial entre os índios Kaxinawá no leste do Peru. In: LABATE, B. C. & ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 97-128.

KESINGER, K.M. El uso del *Banisteriopsis* entre los cashinahua del Perú. In: HARNER, Michael. *Alucinógenos y chamanismo*. 1ª ed. Madrid, Espanha: Punto Omega, 1976. p. 20-25.

LABATE, Beatriz C. *Plantas que curam*. Disponível em <<http://www.terramistica.com.br>>. Acesso em 26/10/2003.

LABATE, B. C. & ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. 736p.

LABATE, Beatriz C. *A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004b. 535p.

LAGROU, Elsje Maria. Xamanismo e Representação entre os Kaxinawá. In: LANGDON, E. Jean Matteson (org.). *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. 1ª ed. Florianópolis, Santa Catarina: Ed. da UFSC, 1996. p. 197-231.

LANGDON, E. Jean. Matteson. A Tradição Narrativa e Aprendizagem com Yagê (Ayahuasca) entre os índios Siona da Colômbia. In: LABATE, B. C. & ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 69-93.

LEARY, T., METZNER, R. & ALPERT, R. *The Psychedelic Experience: a manual based on the Tibetan Book of the Dead*. Disponível em <http://www.erowid.org/library/books_online/psychedelic_ex.../psychedelic_experience.shtml>. Acesso em 2002.

LUMBY, Marcus. Religions of the Twice-Born: Northwest Amazonian Ayahuasca Shamanism and Near-Death Experience. *MAPS Newsletter*, 8 (3): 16-17. 1998. Disponível em: <<http://www.maps.org>>. Acesso em 15/10/1999.

LUNA, Luis E. *Vegetalismo: shamanism among the mestizo population of the Peruvian Amazon*. Studies in Comparative Religion, Stockholm, Almqvist and Wiksell International, 1986.

LUNA, Luis E. Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural. In: LABATE, B. C. & ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 181-200.

LUZ, Pedro. O uso ameríndio do *caapi*. In: LABATE, B. C. & ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 37-68.

MABIT, Jacques. Produção visionária da ayahuasca no contexto dos curandeiros da Alta Amazônia Peruana. In: LABATE, B. C. & ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 147-180.

MACRAE, Edward. *Guiado pela Lua: Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. 1ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1992. 163p.

MACRAE, Edward. Santo Daime and Santa Maria: The licit ritual use of ayahuasca and the illicit use of cannabis in a Brazilian Amazonian Religion. *International Journal of Drug Policy*, 9: 325-338. 1998.

MACRAE, Edward. *El Santo Daime y la Espiritualidad Brasileña*. 1ª ed. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2000. 100p.

MOTA, Clarice N. Sob as Ordens da Jurema: o xamã Kariri-Xocó. In: LANGDON, E. Jean Matteson (org.). *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. 1ª ed. Florianópolis, Santa Catarina: Ed. da UFSC, 1996. p. 267-295.

MOTA, Clarice N. & ALBUQUERQUE, Ulisses P. *As muitas faces da jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena*. 1ª ed. Recife, Pernambuco: Ed. Bagaço, 2002. 192p.

MOTA, Clarice N. & BARROS, José F. P. O complexo da Jurema: Representações e Drama Social Negro-indígena. In: MOTA, Clarice N. & ALBUQUERQUE, Ulisses P. *As muitas faces da jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena*. 1ª ed. Recife, Pernambuco: Ed. Bagaço, 2002. p. 19-60.

MUNN, Henry. Los hongos de la linguagem. In: HARNER, Michael. *Alucinógenos y chamanismo*. 1ª ed. Madrid, Espanha: Punto Omega, 1976. p. 95-135.

OTT, Jonathan. *Ayahuasca Analogues: Pangean Entheogens*. 1ª ed. Kennewick, WA: Natural Books Co., 1994. 127p.

PELÁEZ, Maria C. *No mundo se cura tudo: Interpretações sobre a “Cura Espiritual” na Santo Daime*. Tese de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - Santa Catarina, 1994.

PINTO, Clélia M. A Jurema Sagrada. In: MOTA, Clarice N. & ALBUQUERQUE, Ulisses P. *As muitas faces da jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena*. 1ª ed. Recife, Pernambuco: Ed. Bagaço, 2002. p. 125-150.

REESINK, Edwin. Raízes Históricas: a Jurema, Enteógeno e Ritual na História dos Povos Indígenas no Nordeste. In: MOTA, Clarice N. & ALBUQUERQUE, Ulisses P. *As muitas faces da jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena*. 1ª ed. Recife, Pernambuco: Ed. Bagaço, 2002. p. 61-96.

ROBINSON, Rowan. *O Grande Livro da Cannabis: Guia completo de seu uso industrial, medicinal e ambiental*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. 135p.

RODRIGUES, E. & CARLINI, E.A. Possíveis Efeitos sobre o Sistema Nervoso Central de Plantas Utilizadas por Duas Culturas Brasileiras (quilombolas e índios). *Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica*, 1 (3): 147-154. 2003.

SAMORINI, G. *Animals and Psychedelics: The Natural World and the Instinct to Alter Consciousness*. Rochester, Vermont: Park Street Press, 2002.

SCHULTES, R.E., HOFMANN, A. *Plants of the gods: their sacred, healing, and hallucinogenic powers*. 1ª ed. Rochester, Vermont: Healing Arts Press, 1992. 192p.

SCHVARTSMAN, S. *Plantas venenosas e animais peçonhentos*. 2ª ed. São Paulo: Sarvier, 1992. 288p.

SISKIND, Janet. Visiones y curas entre los sharamahua. In: HARNER, Michael. *Alucinógenos y chamanismo*. 1ª ed. Madrid, Espanha: Punto Omega, 1976. p. 38-50.

SPINELLA, M. *The psychopharmacology of herbal medicine: plant drugs that alter mind, brain and behavior*. 1ª ed. Londres, Inglaterra: The MIT Press, 2001. 578p.

TAYLOR, Kenneth I. A Geografia dos Espíritos: o xamanismo entre os Yanomami setentrionais. In: LANGDON, E. Jean Matteson (org.). *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. 1ª ed. Florianópolis, Santa Catarina: Ed. da UFSC, 1996. p. 117-151.

WEISS, Gerald. Chamanismo y sacerdocio a la luz de la cerimônia Del ayahuasca entre los campá. In: HARNER, Michael. *Alucinógenos y chamanismo*. 1ª ed. Madrid, Espanha: Punto Omega, 1976. p. 51-58.

ZULUAGA, Germán. A Cultura do Yagé, um caminho de índios. In: LABATE, B. C. & ARAÚJO, W. S. (orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 129-145.